



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13137 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT12 - Currículo

DILEMAS DE ECONOMIA EM NARRATIVAS DE CURRÍCULO
 Augusto Flavio da Silva Roque - UFBA - Universidade Federal da Bahia
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

DILEMAS DE ECONOMIA EM NARRATIVAS DE CURRÍCULO

Resumo: A pesquisa aqui exposta, cuja performance está situada em gradiente pós-estrutural e implicada com argumentos pós-qualitativos, versa sobre narrativas legitimadas que disseminam nos cotidianos, uma percepção patológica na relação entre Economia e Currículos. Aqui se apresenta um percurso parcial, aberto e inconcluso dos dilemas emergentes nessa relação, mas se indicia uma fronteira adjacente de negociações e alianças que podem implicar composições curriculantes.

Palavras-chave: Currículo, Economia, Pesquisa Improvisativa

1. PREAMBULARES

Seja sob acusações bancárias opressivas (FREIRE, 1996); sob alegações de pressão produtivista, controle e fiscalização profissional (BALL, 2010); ou sob uma atribuição de sentidos neoliberal (MACEDO, 2022a; 2022b), essas enunciações localizadas em diferentes lugares do pensamento acadêmico, em comum têm influído somaticamente em currículos nos territórios brasis, na medida agenciada de uma pecha patogênica intrínseca aos discursos econômicos, “lógica economizada”, diz Elizabeth Macedo (2022b).

A confluência entre narrativas política e distintamente posicionadas nos cotidianos

com força incidente nos textos e atos de currículo é tal, que esse acontecimento faz suscitar perguntas: a economia é em si uma patologia, ou diferente disso, o que persistem são capturas patológicas aos atos econômicos? Portanto, admitindo uma abordagem não essencialista sobre a Economia, é objetivo desta pesquisa de doutoramento em curso: realizar a uma diagnose crítica e clínica das possíveis repercussões de se negociar narrativas de economia como condição inalienável às práticas curriculantes?

Aqui se localiza o problema inicialmente em uma posição considerada amálgama equilibrada para uma estratificação sobre economia, professada por André Roncaglia de Carvalho (2021), em que os enunciados econômicos organizam os esforços coletivos para superar a escassez, partindo da premissa que a escassez, diferente de um fundamento econômico, “é uma propriedade física de um planeta com recursos limitados”, perspectiva que precipita a pesquisa em vigor a um território ecológico, e simultaneamente intersecciona com evidências que Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo (2011, p. 19) consideram pactuações comuns às teorias de currículo disseminadas em territórios brasis, “a ideia de organização, prévia ou não, de experiências/situações de aprendizagem realizada por docentes/redes de ensino, de forma a levar a cabo um processo educativo”, sem falar em uma interação regulante incidente nas decisões cotidianas de alocação de recursos, seja na aquisição de material escolar didático e paradidático; manutenção e incremento de acervos; contratação de pessoal; inclusive, nos princípios gastronômicos expressos nas dietas que dispõem sobre os arranjos do cardápio da merenda; ou no mais prosaico emprego dissuasório ante a menção de aventuras, ‘é o currículo que não deixa’.

Mesmo que aqui se admita a versão pós-estrutural dos textos de currículo enquanto práticas discursivas, ou seja, práticas poder e também significação e atribuição de sentidos para a construção e organização de realidades nos cotidianos (Idem, 2011), é oportuno suplementar que singularmente em contexto discursivo, onde se preza pela inscrição da “diferência”, tal, é “conceito econômico designando a produção do diferir, no duplo sentido desta palavra”, escreve Jacques Derrida (1973, p. 29).

Portanto, o que as narrativas anteriores deixam entrever, são rastros no sentido derridiano, evidências de que o ser-curriculo, e outros corpos que o organizam por ele são organizados, mantém relacionais econômicas variadas que escapam às noções patológicas comumente disseminadas nos cotidianos, são essas que requisitam a atenção e diferença desta pesquisa.

2. PERFORMANCE IMPROVISATIVA DE PESQUISA

Se a escolha aqui é por assumir o enunciado “performance” ao invés de “metodologia”, isso se deve a uma aproximação com os argumentos pós-qualitativos da professora Elizabeth St. Pierre (2018; 2019), que tanto rejeita a naturalização de enunciações metodológicas como rastros da tradição empírico-analítica, quanto alega uma inconsistência

na manutenção ontológica do “sujeito” em pesquisas como esta, situadas no gradiente pós-estrutural.

Como, por conseguinte, a opção foi a de hospedar o correr do curso da pesquisa em trama cartográfica, no esforço para produzir um pensamento e uma escrita que deseja “conectar cadeias semióticas”, e se estas são “como um tubérculo que aglomera atos muito diversos, linguísticos, mas também perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos (...)” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 23), se ousa dizer por aqui, que situada em meio a tais enunciações, os atos pesquisantes podem aceder a gestos performáticos. Mas na medida em que a performance cartográfica recusa a reprodução do ideal, é sustentável compor que afeita a experimentações ancoradas no real, seja também simpática aos atos de improviso, pois como posiciona Steve Paxton (2022), a improvisação atualmente deixou de ser realizada diante de espelhos para ser praticada sem referências ideais, portanto, um movimento improvisativo de pesquisa é o que dispensa organizações e aplicação instrumentos e dispositivos prescritivos, para improvisar nos cotidianos com o corpo que pesquisa, implicado por princípios de envolvimento ético que auxiliam na composição narrativa de arranjos curriculantes.

Alguns desses princípios serão aqui parcialmente enunciados: **Plagicombinação**, conceito tomado de Tom Zé (1998), que opera em jogos de negociação e aliança com procedimentos imanentemente musicais em narrativas, tais como *samplings* [seccionamentos], *mashups* [misturas], reedições e remixes – comuns às performances DJ; **Ecosofia**, que é um conceito de implicação ecológica aos dilemas e acontecimentos cotidianos; e o, **Antiépico (astucioso e espirituoso)**, que também no encontro com a música “Complexo de Épico” de Tom Zé (1973), reputa a um sentido anti-trágico e bem humorado na interação com os cotidianos de pesquisa e na composição de arranjos curriculantes.

3. SAMPLINGS DA PESQUISA (OU, PARCIAIS)

Como foi antecipado, no atual curso das diagnoses realizadas nas narrativas a que esta pesquisa tem delimitado a atenção, a saber Paulo Freire (1996), Stephen Ball (2010) e Elizabeth Macedo (2022a), pairam sobejos sintomas de que a economia é agenciada por esses/a autores/a na conta de uma patologia. A consequência dessas práticas de sentidos e significação, enunciações, é a insinuação de uma necessidade de produzir protocolos políticos de imunização a essa que é taxada como lógica economizada para os currículos.

Um primeiro insight para emergência de tais sintomas, vem do economista Amartya Sen (1999), que aponta uma predominância de proposições com matizes de Engenharia entre as teorias econômicas. Entretanto, ele diverge ao situar que apesar disso, e Economia tem sido pensada também a partir de uma dimensão Ética, agenciada assim em obras tão distintas quanto as de Adam Smith, John Stuart Mill e Karl Marx, fundamentos basilares do liberalismo, utilitarismo e socialismo, “evidentemente, nenhum gênero é puro em sentido

algum” (Idem, p. 22), assim a dica que ficaria seria: nem qualquer gênero de currículo deveria puro-ser.

Ademais, mesmo considerando os fundamentos proferidos pelo professor André Roncaglia de Carvalho (2021), sobre o imperativo da escassez na Economia, atualmente se versa sobre enunciações econômicas que orbitam a regência da abundância, tais quais: economia criativa, da cultura, solidária, economia da dádiva [gift economy], compassiva, circular, fluxonomia 4D, etc... – que em narrativas curriculantes, não devem ser tomadas precipitadamente em contraposição ao imperativo da escassez, mas como signos que jogam com negociações de potências abundantes em ambiências teóricas e conceituais onde a escassez é imperativa.

4. REFERÊNCIAS

BALL, Stephen John. Fabricações na economia educacional: rumo a uma sociedade performativa. **Educação & Realidade**. V. 35, N. 2, mai./ago. UFRGS, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/15865> Acesso em: 11 mar. 2023.

CARVALHO, André Roncaglia. **Escassez não é uma lei econômica**. 09 dez. 2021, 11:19. Twitter: @andreroncaglia. Disponível em: <https://twitter.com/andreroncaglia/status/1468948526193262593> Acesso em: 09 abr. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2ª Ed. 3ª Reimpressão. Coleção TRANS, 128 p, 2011.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOPES, Alice Casimiro.; MACEDO, Elizabeth. **Teorias do currículo**. São Paulo, Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. Canal Pedagogia UFAL. IX Seminário de estágio supervisionado: políticas educacionais, currículo, formação docente e seus [não] lugares. Youtube. Arapiraca: UFAL, 16 mai. 2022a. Disponível em: <https://youtu.be/d5BZ4GZ2Yio> Acesso em: 05 mar. 2023.

MACEDO, Elizabeth. Canal Colóquio Internacional de Currículo. Por outros projetos políticos de currículo: possibilidades e perspectivas formativas educacionais na América Latina. Youtube. 06 set. 2022b. Disponível em: <https://youtu.be/SnbpXFFz9lw> Acesso em: 05 mar. 2023.

PAXTON, Steve. **Gravidade**. São Paulo: n-1 Edições, 2022.

SEN, Amartya. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Uma história breve e pessoal da pesquisa pós-qualitativa.

Trad. Felipe Aguiar. Ponta Grossa: **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, p. 1044-1064, set./dez, 2018. Acessível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em: 07 mar. 2023.

ST. PIERRE, Elizabeth Adams. Post Qualitative Inquiry in an Ontology of Immanence. **Qualitative Inquiry**. Vol. 25, p. 03-16. SAGE Publications, 2019.

TOM ZÉ. **Com defeito de fabricação**. Warner Bros. Records, 1998.

TOM ZÉ. **Todos os olhos**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1973. 1 Disco. (36 min).